

Redacção, administração
e Oficinas-tipográficasAvenida Agostinho Pinheiro
AVEIRO

Decano dos jornais portugueses

fundado em 14 de fevereiro de 1852 por Manuel Firmino de Almeida Maia

Director de 1 de Agosto de 1896 a 5 de Outubro de 1922—Firmino de Vilhena de Almeida Maia

Propriedade da Empresa "Campeão das Províncias,"

ASSINATURAS—Em Portugal, 10\$00. Para a África, 18\$00.
Para os restantes países, 25\$00 (moeda forte).

Número do dia, \$20.

A cobrança feita pelo correio, acresce a importância a dispendir com ela.

A assinatura é contada dos dias 1 ou 15 de cada mês e cobrada, na falta de acordo especial, no começo de cada trimestre.

Não se restituem originaes

Publica-se aos sábados

Não é da responsabilidade do jornal a doutrina dos escritos assinados ou simplesmente rubricados.

ANÚNCIOS—Na 1.ª página, 1\$00; na 2.ª \$80; na 3.ª \$50; na 4.ª, \$45; na 5.ª e 6.ª 40; na 7.ª e 8.ª, bem como a publicação permanente, ajuste especial. Escritos de interesse particular, \$45. A todos acresce o imposto do selo, sendo contados pelos linhetos cp.ºs 12, 10 e 8, linha singela.

Os srs. assinantes têm o desconto de 10% nas publicações ou impressos feitos nas nossas Oficinas-tipográficas.

Pela proposta da nova lei do selo, as empresas jornalísticas passam a pagar pelos anúncios que publicarem um selo, não já uniforme, mas que aumentará proporcionalmente com as dimensões dos anúncios.

Vão as empresas jornalísticas, pois, passar a pagar mais. Ficam mais sobrecarregadas, mas neste momento em que todos nos devemos sacrificar pelo bem comum, nós concordámos com a nova medida. É justo, realmente, que por um anúncio de página se pague maior selo que por um anúncio de quatro ou cinco linhas apenas.

Cinicamente surda e velhacamente cega, a Companhia dos Fósforos não manda uma única caixa de fósforos para o país, naturalmente para dentro em pouco voltar a dizer que tem pleno direito a levantar-lhes o preço.

Mas não havendo fósforos ainda são proibidas as acendalhas? Era remédio bastante.

Em resposta a um senador, o ministro da Agricultura disse que o Governo está a rever os decretos sobre lucros ilícitos, principalmente no que respeita à instrução dos processos e julgamento, fazendo-se, se tanto for necessário, um decreto novo, moldado sobre os ensinamentos que a prática nos deu.

Far-se-à alguma coisa? E por que não?

Os números apresentados pelo último censo da população acabam de lançar por terra todas as afirmações pessimistas que se têm feito. O saldo fisiológico é um facto, que, assegurado por números, se torna insofismável.

Num período de cinco anos, a população em Portugal cresceu em 72.935 habitantes. A França, a Alemanha e a Tchecoslováquia, têm um aumento de população muito inferior ao que se verifica em Portugal.

Desapareçam, pois, desfagam-se em fumo receios que em nada se fundavam.

— Uma nota curiosa: continua a haver em Portugal mais mulheres de que homens.

República e Crença

Em Setembro do ano findo, os bispos portugueses assinaram uma pastoral em que indicavam aos católicos a conducta a seguir para com a República: observância das suas leis, respeito pelos poderes constituídos.

Éra a consagração, uma vez mais manifestada, das doutrinas teológicas, únicas racionais e defensáveis numa rudimentar ortodoxia. Assinando-a, os bispos portugueses não fizeram mais do que, inteligente e coerentemente, aceitar e aconselhar o que sempre aceitaram e sempre aconselharam. Guias espirituais dos crentes, queriam a paz social que a Igreja, na sua pureza, visa, entendendo que a religião é uma crença e não uma política, como crença imutável, e portanto adaptável a todas as situações que o progresso das ciências e dos espíritos torna modificáveis.

Directa ou indirectamente, para um crente é de Deus que vem o poder. E só uma má-fé refalsada, e por isso mesmo insubsistente, pôde propalar que Deus é monárquico e detesta a República.

Grande mas frágil, prolongada mas estulta foi a campanha que contra a pastoral do episcopado português levantaram os jornais monárquicos. Já lá vão meses, quasi um ano, mas todos a lembramos ainda. A fé passou a ser um tripúdio, a crença tornou-se um vilipêndio nas mãos daninhas de quem só sabe odiar e macular.

Já lá vão meses.—A Igreja quer a ordem, e a República é a desordem: A Igreja pugna pela tranquillidade e a República é a anarquia. Póde-se lá conceber que o povo, a massa anónima e ignara tenha ingerência, mediata ou imediatamente, nos negócios públicos? Não, Deus destinou, reservou a resolução das questões vitais dos países a certas castas, elites de iletrados sim, mas filhos de condes e merquezes. O povo, esse só tem um papel: sofrer, dar o seu sangue para melhor comodidade dos eleitos, pagar com o seu suor o ouro dos coches reais.—Eis o que pensam e querem os que se apregoam religiosos e são apenas monárquicos, os que não temeram condenar, anatematizar os próprios bispos, pastores de almas, que souberam ser religiosos mas que não foram monárquicos.

Por isso tivemos um ano como o de 1891 e por isso fizemos um Convénio de 902; por isso sonhámos um mapa cor de rosa, para termos um ultimatum, recebido com a exasperação do povo enquanto D. Carlos, almoçando ininterruptamente, alegre e folgassão, desde que o sol é nado até que desaparece para lá do oceano imenso, afagava com as mãos polpudas e aristocráticas, impassível ao desespero da plebe espoliada, o ventre colossal, de nédios contornamentos gastronómicos, refegos adiposos de preguiça congénita e lascívia hereditária.

Isto o que se defendia contra os ensinamentos probos dos bispos portugueses. Isto o que se não tolerava que o nosso episcopado não procurasse restaurar.

De resto, dizia-se, a pastoral nenhum valor podia ter. Vá de taxar os bispos de ímpios e anti-cristos. De cima, do Vaticano, e só daí podia vir uma ordem espiritual.

E veio. O Papa, última e suprema voz para os religiosos, acaba de sancionar em carta pontificia a pastoral dos bispos portugueses, diz-nos *O Mundo* pela pena inconfundível de Mayer Garchão. De hoje em diante, é o Sumo Pontífice quem impõe, como única realização da harmonia social, o respeito e o acatamento das leis da República.

Cessent, pois, definitivamente, as expansões de ódios mesqui-

Emquanto estes são apenas 2.855.818, aquelas sobem a 3.177.173.

8.ª Olimpíada=Paris—1924.—Da *Commission des Arts et Relations Exterieurs*, recebemos o regulamento para os concursos de Arte a realizar em Paris, na 8.ª Olimpíada, em Maio-Julho de 1924, a que já fizemos uma breve referência num dos números passados.

A todas as sociedades de artistas aquela comissão enviará os exemplares que desejarem, bastando pedi los a: M. le Secrétaire général du Comité exécutif de la Commission des Arts et Relations Exterieurs—30, Rue Grammont—Paris (2.º arr.).

Nestes concursos, recebem-se trabalhos de arquitetura, literatura, música, pintura, escultura.

Ler na 5.ª página O GRIME, de GUERRA JUNQUEIRO.

Gralhas

Inúmeraz foram as do último número do *Campeão*, algumas das quais de palmatória, como o título do nosso editorial e o cabeçalho do folhetim, onde se lia *Segueira e dos Campos de Flores*, devendo ler-se respectivamente *Cegueira e do Campo de Flores*. Outras de menos importância, que se devem a distrações dos compositores e à pouca paciência dos revisores, fácil e benevolamente as corrigiram, decerto, os nossos leitores.

Aos nossos assinantes

Vamos por estes dias proceder à cobrança das assinaturas cujos trimestres começam em 1 e 15 de Julho e 1 e 15 de Agosto. Como as cobranças hoje ficam caríssimas, pedimos a todos os nossos assinantes o especial obséquio de nos não devolverem os recibos, evitando-nos assim novas e grandes despesas.

Aos nossos assinantes das Colónias e Estrangeiro rogámos também a satisfação dos seus débitos, que poderão fazer em notas ou cheques, por o que desde já lhes endereçamos os nossos agradecimentos.

Notas de carteira

Fazem anos:

Hoje, a sr.^a D. Felisbela Pinto Cunha.

Amanhã, as sr.^{as} D. Ana Júlia de Lima e Silva, D. Elvira Duarte de Pinho e o sr. Sebastião Lima.

Além, o sr. dr. António Correia de Oliveira.

Depois, as sr.^{as} D. Joana Marques Gomes, D. Belmira da Cunha Santiago e o sr. José Nunes da Silva Sobrinho.

Em 1 de agosto, os srs. Fernão Vilhena Couceiro da Costa e João Augusto Monteiro Cancela.

Em 2, a sr.^a D. Maria da Assunção de Oliveira Pinto de Souza e os srs. Francisco da Assis Marques Gomes, José Coelho da Mota Prego e Agostinho de Sousa.

Em 3, os srs. P.^e Lourenço da Silva Salgueiro, António Ferreira Vieira e Jacinto Agapito Rebocho.

Visitantes:

Em goso de licença, encontra-se em Aveiro, o sr. dr. Justino Simões, segundo-tenente médico da Armada.

◆ De visita à Exposição districtal estiveram em Aveiro, vindos de Agueda, os srs. dr. Alberto de Oliveira, ministro de Portugal na Argentina, dr. Afonso de Melo, deputado, dr. Albano Pereira dos Santos, José de Freitas Sucena, Luís de Melo Freitas, major Albano de Melo, tenente Fernão Marques Gomes, Urbano Sucena e dr. Artur de Melo Freitas.

Viageiros:

Com suas famílias seguiram para a praia da Barra, o sr. José Gonçalves Faria, gerente do «Banco Ultramarino» em Aveiro, e o sr. Ricardo da Cruz Bento.

◆ Para a praia do Furadouro, seguiu de Lisboa, com seus filhos, a sr.^a D. Elena Torres Maia Magalhães, esposa do tenente-coronel de estado-maior, sr. Maia Magalhães.

◆ Com sua esposa, seguiu para Lisboa, o sr. dr. Francisco Soares, distincto clínico em Aveiro.

◆ Em goso de férias, deve chegar no próximo dia 30 a Agueda o sr. P.^e Marques de Castilho, professor da Escola Normal de Viseu.

◆ Encontra-se já em Espanha, depois de ter visitado quasi toda a França do Norte e Bélgica, o nosso prezado amigo sr. dr. Agostinho Fontes Pereira de Melo, dig.^{mo} Delegado do Procurador da República em Lisboa.

◆ Chegado da Alemanha, esteve entre nós o sr. Egberto de Magalhães Mesquita, distincto Engenheiro siviltor em Lisboa.

◆ A goso de férias, está entre nós o sr. Manuel Soares, filho do nosso prezado amigo, distincto médico militar em Aveiro, sr. dr. José Maria Soares, que há pouco concluiu com feliz êxito o 4.^o ano do Colégio Militar.

◆ Para Lisboa, segue amanhã o sr. Abel Marques da Graça

◆ Com sua esposa e filhos, seguiu para a Curia, o sr. Francisco Diogo da Costa, chefe da 5.^a secção d. C. P.

◆ Acompanhado de sua Mãe e Irmã, seguiu para o Calvário (Beira Alta) o nosso querido amigo sr. dr. Augusto Aranda.

Enfermos:

Com um ligeiro ataque de «gripe», tem estado doente, o sr. Pompeu de Melo de Figueiredo.

◆ Também esteve doente o sr. Lino da Silva Marques, encontrando-se, porém, já restabelecido.

◆ Tem estado gravemente doente, em Lisboa, o sr. dr. Oliveira Simões, tenente-coronel de estado-maior.

Dr. Barbosa de Magalhães:

Seguiu na passada terça-feira para França, onde tenciona demorar-se até fins de setembro próximo, o nosso querido amigo, illustre estadista e Professor de Direito na Universidade de Lisboa, sr. Doutor Barbosa de Magalhães.

nhos a um regimen que se baseia num ideal vivificante e que a liberdade individual implantou.

Faça-se da crença o que ela deve sêr e não o que tem sido —amparo e incitamento, e não arma de intriga

E, como dizia o sr. Mayer Garção, «no dia em que acabar este espectáculo repugnante de fazer da religião um instrumento para servir simplesmente os propositos de uma restauração monarchica, absurda e impossivel, terá desaparecido das nossas lutas politicas um dos seus aspectos mais indecorosos e repugnantes, porque é indecoroso e é repugnante abusar de uma doutrina divina para tentar uma campanha onde pululam, com florescencias venenosas, as mais vis e as mais truculentas paixões humanas.»

Mocidade das Escolas:

No Liceu de Aveiro, concluiu o curso complementar de ciências (7.^o ano) o sr. António Serrão Peixinho, filho do sr. dr. Lourenço Peixinho, Presidente da Câmara Municipal, a quem endereçamos as nossas felicitações.

NORAS DE FERRO

com alcafruzes de ferro zin-cado

José F. de Almeida & Filhos, Ltd.

Albergaria-a-Velha

Diversas

O *Diário de Noticias*, num artigo sobre melhoramentos no visinho concelho de Vagos, onde algumas e desvanecedoras verdades se lêem, refere-se também a melhoramentos que o regionalismo aveirense trouxe à barra de Aveiro. Já há tempos *O Século* fez o mesmo, no uso pleno, como agora o *Diário de Noticias*, dum direito—o de acreditar piamente nos seus correspondentes.

Mas, como então dissemos, dizemos hoje ainda: onde êsses melhoramentos da Barra? Que óculos otimistas —mas defumados de forma a tornarem-se opacos—usam os correspondentes daqueles nossos prezados colegas da capital!...

Nós, que somos daqui, nada vimos ainda. Porque quem deve fazê-los não sabe? Não, por certo. Porque quem da barra deve cuidar não quer à sua terra? Santo Deus, também não afirmamos tal. Nós apenas constatamos o facto, nada mais. E êsse facto consiste simplesmente nisto—a barra está como estava, a não sêr que as fantasias e as ilusões dos correspondentes dos dois grandes diários citadinos possam fazer o que só com dragas se consegue.

Um outro esclarecimento devemos fazer. O regionalismo aqui não substituiu a política, por isto: é que aqui, como em toda a parte, o re-

gionalismo é uma forma de política. Do regionalismo não fazem parte os democráticos e os que em política nenhum credo professam, e todos são, a ninguém de boa fé é lícito pô-lo em dúvida, amigos da sua terra.

O *Primeiro de Janeiro* dizia na quinta-feira que a situação de alguns bancos é em extremo precária, caso que foi tratado numa reunião do Conselho do Banco de Portugal. O sr. Vitorino Guimarães negou-se terminantemente a auxiliar êsses bancos que lutam com falta de numerário, explicando que essa falta acabará logo que êsses bancos se deixem da vida de expêculação em que têm andado.

Eis, pois, esclarecida, com esta pequena notícia, uma situação má cuja responsabilidade só aos governos da República se tem imputado, e de que só os gananciosos, afinal, têm culpa.

Mas, é legítima uma pergunta: sabendo-se que alguns bancos especulam de uma forma illegal, porque não se metem na ordem, chamando-os às responsabilidades dos crimes de lesa-sociedade que estão cometendo?

Fernando Moreira

Conservador do Registo Civil Advogado

Consultas todos os dias úteis, na Conservatória do Registo Civil, à Praça da República—Aveiro.

Impressões sobre o livro «Do meu Ermo», de Gastão de Bettencourt

É tão raro encontrarmos motivos susceptivos de nos transportarem para fora do campo material cuadonado com as «coisas» vulgares da Vida, em que no geral nos sentimos envolvidos, apertados e reprimidos que, ao depararmos com uma que faça vibrar conscientemente a nossa alma num sentir sentido e não fingido, o nosso espirito vda livremente ao sabor da nossa fantasia, e afaçando assim uma esperança em melhores dias... em que a Arte, sinoni-

mo do Belo, seja compreendida e amada com carinho, bendisemos, os que sen em, o Artista, não só por nos ter feito antever ainda que só momentaneamente as belesas produzidas pelo seu genio, mas sim tambem por nos balsamificar com o seu talento as agruras da Terra... cumun» a todos.

E foi este o efeito produzido na minha alma ao lêr algumas paginas do livro «Do meu Ermo».

É deveras admiravel o poder de observação do auctor, e na verdade grande a sua alma de artista.

A quietação e suavidade espiritual que por vezes transparece, facil se torna vêr que não é filha do proposito anticipadamente concebido de escrever frases rendilhadas, mas sim a exposição sucinta e sincera da forma como sente.

Sim, e de tal forma é concreta, e tão clara se patenteia, que eu direi somente:

«Sabe na verdade sentir».

A sua alma ávida de emoções, albergue de sentimentos Belos, vê-se que palpita ao lermos as suas cartas, ora cheias d'um mi-ticismo poetico, adoravel, ora esplendidas pelos inumeros detalhes que apresenta, e que só um espirito heio de observação, como o seu, podia revelar-nos.

Dissera Frederike Bremer que é grande o escritor, maior o escritor e o poeta, mas mais ainda aquele que por ser escritor ou poeta, não esquece, e sabe vêr os pequeninos nadas que nos cercam, e que são os componentes da vida.»

Está Gastão de Bettencourt compreendido nesta classificação.

Ao mesmo tempo que nos mostra ser a sua alma susceptivel de voar para o Alem... para onde só voam as almas de Artistas, não deixa contudo de provar que sabe ao mesmo tempo vêr com olhos de vêr e de sentir as emoções (permitam-me) «materiaes» que por ventura se lhe deparem ante os olhos.

Que a sua alma e o seu talento continuem sendo fontes de livros como este, é o meu maior e mais forte desejo.

Coimbra VII | 923

J. Pais

A eleição presidencial

A' hora a que escrevemos, já os directórios dos partidos da República começaram a pensar na escolha do futuro Chefe da Nação portuguesa, dizendo-se até que os partidos republicano português, nacionalista, independente e católico pretendem, num acordo que só pôde dignificá-los, conjugar-se para a aceitação dum mesmo nome, que reunirá uma maioria estrondosa de sufrágios.

Conseguir se-à êsse accordo, que constitue a realização dum superior ideal democrático? E porque não o crer? Tudo é possível desde que, um momento alheados de dissensões partidárias, todos se animem dum mesmo espirito patriótico, sublime e limpido. E êsse espirito de exclusivo patriotismo devemos, temos o dever moral de o supôr nos representantes da Nação nesse

momento solene, grave da vida da República.

O que se tem dito sobre a eleição presidencial não pássa de simples conjecturas. Delas, porém, uma coisa resalta: o nome do sr. Doutor Bernardino Machado é o que mais tem preocupado a opinião pública, parecendo, por isso, que a sua candidatura tem já alguma coisa de real, de positivo.

Vox populi, vox Dei, diz a velha sentença.

Quando da criação da União Sagrada, o actual Presidente da República, sr. dr. António José de Almeida, disse que elevar-se o sr. Doutor Bernardino Machado à mais alta magistratura tinha sido o maior serviço prestado à República, e em Londres, o sr. dr. Teixeira Gomes dizia quando Portugal entrou na Grande-Guerra, que devia modificar-se a Constituição para que a reeleição do Doutor Bernardino Machado se fizesse.

Esperámos, pois, mas esperámos cheios de fé e absolutamente certos de que o escrutínio fará hoje o que a Constituição só hoje consente que se faça.

Prensas para bagaço

Com lagareta de madeira, cinchos, etc.

José F. de Almeida & Filhos, Ltd.
Albergaria-a-Velha

Dr. Augusto Aranda

Na Universidade de Coimbra, acaba de concluir a sua formatura em Direito o nosso querido amigo sr. dr. Augusto Carlos Aranda e Oliveira, que no meio académico conquistou um lugar de destaque mercê da sua inteligência, bom humor constante e esplêndida camaradagem.

Inúmeros estudantes esperavam ansiosamente a decisão do júri, dando imediatamente começo à velha praxe de fazerem em farrapos a esfarrapada batina dos n.ºs licenciados. Ainda nos *Generais*, já só a capa cobria a nudêz do dr. Augusto Aranda, que por vivas entusiásticos e abraços atravessou a *Via Latina* e as ruas da Alta até sua casa.

Não pôde o futuro deixar

NÃO PINTE

as suas casas

sem se lembrar que

1 k.º de MURALINE cobre

20 a 25 metros²

é lavavel, e de um custo 10 vezes inferior ás pinturas de Oleo

Lindos trabalhos de Decoração Exterior

MÁRIO COSTA & C.ª, L.ª DA

Porto—R. do Almada, 30, 1.º

Lisboa—R. das Pedras Negras, 24, 1.º

de ser-lhe próspero. Desejar-lho, é até uma redundância. Limitámo-nos, por isso, a enviar daqui ao antigo companheiro de trabalho e bom amigo um abraço que leve o nosso coração a comungar na sua festa.

As empresas tipográficas

Tipos comuns e de fantasia, em ótmo estado, e a preços módicos, vendem-se.

E' o seguinte o mostruário:

DIZEM DE MUNICH QUE O GENERAL LUDENDORFF...

A CORRIDA DE ONTEM NO CAMPO PEQUENO.

O dr. Le Trocquer, Ministro das Obras Publicas da França.

Vendem-se também duas caixas de tipo comum, corpo 12, com cerca de 25 quilos cada uma, a 7.50 o quilo.

O transporte ficará por conta do comprador.

Dirigir pedidos a esta relação.

Joaquim Simões Peixinho Advogado

Mudou o seu escriptorio para a Rua das Barcas

Movimento local

Excursão Viana-Aveiro.—Acedendo ao gentil convite que a Direcção do Clube dos Galitos, organisadora da excursão Viana-Aveiro, lhes dirigiu, reuniram-se na sala nobre deste Club, no passá sábadó, os representantes de várias entidades locais para a confecção do programa dos festejos a realizar durante a estada em Aveiro dos vianenses, que tão brilhante e cativantemente têm acolhido sempre os aveienses.

Compareceram os srs. Manuel Paula Graça, representando a Associação Comercial; Pompeu da Costa Pereira, representando o Clube Mário Duarte; Firmino Fernandes, pela Sociedade Recreio Artístico, Albano da Conceição, pelo S. C. Aveirense; Raúl Cunha, pelo Atlético C. Aveirense; Henrique Rato, pelo Teatro Aveirense; Carlos Sarrazola, pelo S. C. Beira-Mar; capitão Adriano de Carvalho, pelo *Debate*; Arnaldo Ribeiro, pelo *Democrata* e Luís da R. Leonardo, pelo *Aveiro-Sportivo*.

Ausentes de Aveiro, não pudemos comparecer nessa reunião Procurámos no entanto, um dos directores do Clube dos Galitos, a quem pedimos os esclarecimentos necessários para darmos aos nossos leitores as devidas informações, o que fazemos de alma e coração, pois que é com justo regosijo que vamos assistindo à efectivação duma festa que honrará tanto mais a nossa quanto mais brilhante a tornarmos, mais carinhosamente demonstrativa da efusiva amizade que o

Clube dos Galitos souber crear e tem sabido manter inalterável entre as duas cidades.

Porque não está ainda definitivamente assente, não podemos traçar já o programa da recepção. Dela tratam a Comissão das Festas, que é composta pelos representantes das várias entidades que acorreram àquela reunião, e a Comissão Executiva, composta pela Direcção do Clube dos Galitos, Câmara Municipal e Associação Comercial. Do já assente, porém, destacaremos:

Embandeiramento das ruas por onde passar o cortejo, que, da estação, às 13 horas do dia 12, virá pelas ruas da Estação, Gravito, Manuel Firmino, José Estêvam, Coimbra, aos Paços do Concelho, onde será feita a recepção oficial aos visitantes. Daí, seguirá para o Clube dos Galitos, que à noite fará a iluminação do troço da Ria desde a fachada do Clube à Ponte da Dobadoura, e largo do Rossio, devendo nessa ocasião o conhecido pirotécnico José Maria dos Santos Freire apresentar uma original peça de fogo preso. No Rossio e Praça do Comércio, duas bandas executarão o mais selecto do seu reportório.

No dia seguinte (dia 13), passeio à ilha do Sama, indo as autoridades em lanchas da capitania e os visitantes em 6 barcos saleiros rebocados por uma traineira, devendo à tarde sêr servido um copo de água no Clube dos Galitos.

Os vianenses trarão consigo um grupo cénico que é formado pelo que de mais distincto há na sociedade vianense, e que representará aqui o auto-pastoril em 3 actos *Feiticeira de Fraga*, original de Salvareno. Consta também que o 1.º «onze» do «Viana Taurino Clube» jogará um *match* de *foot-ball* com uma selecção aveirense em tomam parte os Clubes Galitos, Beira-Mar e Atlético, e que do «Avis Atlético Clube» virá um elenco de bons nadadores.

A Comissão dos festejos vai continuar a subscrição que para a recepção aos vianenses o Clube dos Galitos já encetou.

Isto, que é muito se pensarmos na imensa soma de energia necessária a dispender para que se consiga nada é que possa comparar se ao que em Viana se tem feito aos aveienses. Tornasse por isso urgente e imperioso que todos tornemos as palavras que decerto nos traspordam no coração, em factos. Todas as camadas sociais devem dar a sua quota parte para o amplexo de impercível amizade que uma vez mais vão trocar Aveiro e Viana.

Senhoras, dai flores mil aos visitantes. Tricanas, fazei de Aveiro, com os vossos sorrisos, uma terra das Mil e uma noites. Tudo o que fizerdes nunca será e mais, e nem mesmo será muito.

Festa militar.—No quartel de Gavalária n.º 8 realiza-se amanhã, 29, pelas 12 horas, a circ-

Homens e datas--Paisagens e monumentos--Jornais e livros (Bibliografia)--Documentos--Notícias de Aveiro e seu districto

XXVI

Bibliografia

Camara Municipal de Ilhavo. Illi-
bum série de subsidios para a
historia de Ilhavo. I Um proje-
cto de brazão d'armas concelhio
por Antonio Gomes da Rocha
Madail, Coimbra, Grafica Co-
nimbricense, Limitada 1922—
4.º 56 pag.

XX

Apenas, aí por 1840, ou pou-
co antes, o arraes a quem com-
petia a festa do ano seguinte, re-
cusa receber o barquinho de S.
Pedro da mão do outro arraes
que devia entregar-lh'o, por en-
darem em demanda judicial as
respectivas companhas; e por um
grande espaço de tempo se con-
servou de portas fechadas, per-
manecendo a companha festeira
junto de eles com o barquinho,
queimando foguetes e tocando a
musica e os tambores. Afinal a
rogos de alguns companheiros, o
choro e gritos do mulherio que
consideravam um sacrilegio fe-
char a porta a S. Pedro, e amea-
çavam o teimoso arraes com cas-
tigos do céu, e sobretudo a in-
tervenção de algumas das mais
gradas pessoas da terra, abran-
daram a pertinacia do pobre ho-
mem, que até aí insensível a tu-
do exclama «abram essa porta e
venha fogo com seiscentos dia-
bos». Aos prantos seguiram-se os
gritos de alegria, os vivas e pal-
mas; foi um delirio como nunca
se havia visto, e no dia seguinte
foi a companha auctora, por seu
procurador, a Aveiro, desistir do
pleito pendente em juizo.

Cumpra notar que a resisten-
cia do arraes não ia até ao pon-
to de recusar-se a fazer a festa
do seguinte ano, mas somente a
não receber o barquinho, que ten-
cionava substituir por outro feito
de novo.

Com a dissolução das antigas
Companhas acabou esta festivi-
dade. Hoje é substituida por duas
outras que fazem na vila os ma-
riamos ao Senhor Jesus, cuja ima-
gem se venera na Igreja; e, na
Costa Nova, a Nossa Senhora da
Saude, feita no ultimo domingo
de setembro pelos emprezarios
das actuais Companhas; nenhuma
delas porém tão grandiosa como
era a festa de S. Pedro.

A freguezia

Não se sabe quando foi erec-
ta. Tem por orago o Salvador,
era do padroado Real, sendo no
tempo dos dizimos uma das mais
rendosas do extincto bispado de
Aveiro.

O parcho tinha o titulo de
prior e era auxiliado por dois
coadjutores, aos quais o povo

chamava Curas, sendo um pago
pelo prior com residencia, cama
e mesa na casa parochial, e ou-
tro pelo povo, por meio de uma
quarta de milho ou 60 réis de ca-
da fogo, que se pagava no acto
da desobriga quaresmal.

O disimo rendia nos ultimos
anos 2:426.670, feita a conta aos
generos pelos preços então cor-
rentes. Pertencia um terço ao ca-
bido de Coimbra—809.893 réis;
—á Patrival as chamadas quar-
tas missas—719.902 réis;—o res-
tante, 899.875 réis ficava para
o parcho. Em tempos mais afas-
tados era muito superior este ren-
dimento.

E tanto assim, que o prior
João Martins dos Santos (1756 a
1803) tencionava fundar e dotar
um hospital com os capitães que
ia reunindo e já possuía, chegan-
do a levantar-lhe as paredes, que
eu ainda conheci no estado em
que se achavam ao tempo do seu
falecimento. Creio que ainda exis-
te uma, á qual se acham acosta-
das as barracas das vendeiras
de peixe. Concluiu porém a edifi-
cação da capela das Almas, tal-
vez destinada a ser anexa ao hos-
pital; e, nesse caso, começou por
onde devia finalizar. O local esco-
lhido estava, como ainda está,
bem longe de ser proprio para
edificação de uma casa de saude;
mas naqueles tempos todos os lo-
caes serviam para tudo.

Aquella capela, cuja cota de
nivel bem demonstra que a sua
construção foi mal dirigida, foi
sagrada pelo dito prior, que nela
disse a primeira missa, em 12 de
Julho de 1771.

A Igreja parochial, um dos
mais vastos e magestosos tem-
plos do extincto bispado, foi cons-
truida no século anterior ao pre-
sente, tendo começado a obra
em 3 de outubro de 1774, e sa-
grada em 29 de Junho de 1783,
dia em que teve lugar a transfe-
rencia, para ella, do Santissimo
Sacramento, depositado, durante
a obra na capela das Almas.

A capela-mór foi construida á
custa do prior, como era de di-
reito; o rendimento dos dizimos
regulava nesse tempo por 4.000.
O que não obstante, fez o mé-
nos que podia, ficando acanhada
e desproporcionada com o corpo
da Igreja. Este foi construido á
custa de uns tantos reais impos-
tos na carne e vinho vendido a
retalho concedidos por provisão
de 7 de Julho de 1773, e dos
meios sobejos das Sisas.

Ouvi dizer a pessoas antigas
que esta obra não foi acabada
conforme ao projecto e risco, rou-
bando-se-lhe alguns metros de al-
tura, assim por escassez de meios,
como também pela anciedade de
a verem concluida.

A residencia parochial era
no mesmo sitio em que se acha
actualmente, mas o sobredito prior
João Martins acrescentou-a, unin-

do a capela-mór da Igreja com a
construção das salas e quartos
para hospedes, para habitação do
seu coadjutor e para alojamento
dos frades de Santo Antonio e
do Carmo, dos conventos de Avei-
ro, que frequentes vezes o visita-
tavam, demorando-se alguns toda
a quaresma para proporem e con-
fessarem.

Estes acrescentos permitiam
que da residencia se entrasse na
Igreja sem vir pela rua, pois com-
unicavam com a sacristia que
fica pela trazeira do altar-mór,
assim como com as tribunas da
mesma capela, ao lado do sul.
Construidos porém de madeira e
de tabiques em breve começaram
a arruinar-se de forma que já no
primeiro quartel deste século es-
tavam quasi inhabitaveis. Faleci-
do o prior Antonio Cardoso Pio-
to de Menezes, o seu sucessor, o
dr. Bilhano, já não habitou a re-
sidencia, que foi caíndo a peda-
ços até que o outro prior João
André Dias reedifica a parte an-
tiga, despresando por completo
as ruínas dos acrescentos de que
acima falei.

Havia na Igreja cinco confr-
arias ilegalmente erectas, sem com-
promisso e sem irmãos incorpo-
rados, mas que se regiam por uscs
e costumes. Eram das seguintes
invocações: Santissimo Sacramen-
to, Senhor Jesus, Nossa Senhora
do Rosario, S. Sebastião e Al-
mas. Além destas, havia em to-
da a freguezia mais quotas, Nos-
sa Senhora do Pranto na sua ca-
pela, Espirito Santo na do Vale
de Ilhavo, S. Thiago na da Er-
mida, e Santo Antonio na da Cou-
tada.

A das Almas, a custa de uma
quota que todos os chefes de fa-
milia pagavam no acto da desar-
risca, e de esmolas que pedia,
pagava a três capelães, que can-
tavam uma missa pelas almas to-
das as segundas-feiras, tinha ban-
deira verde, que ia aos enterros
e fornecia aos que acompanhava-
m o cadaver uns pequenos ci-
rios de cera amarela, que nunca
eram acesos, exceptuando dos
que ardião junto do cadaver en-
quanto estava em casa, sendo,
findas as cerimoniaes do culto, re-
colhidos á arrecadação.

As restantes confrarias limi-
tavam-se a fazer a festa anual ao
respectivo padroeiro; mas a do
Santissimo fazia cinco, pertencen-
do uma a cada um dos mordomo-
s, incluída a de Corpus-Christi
e de domingo de Paschoa; festas
pobrissimas a cantochão derrea-
to, e atóra as duas acima ditas,
as três restantes, para economi-
sar a cera do tronco, eram cele-
bradas na propria capella do San-
tissimo. E t.º pobresa porém, mais
do que franciscana contrastava
com o sumptuoso jantar que o
respectivo mordomo era obriga-
do a dar, efectivamente dava no
fim da missa aos colegas (parcei-

ros), parcho, curas, parentes e
amigos e ás pessoas gradas da
vila incluídos o capitão-mór e
mais officaes de ordenanças, juí-
zes e outros funcionários públicos
ao cléro assistente á missa, não
faltando o frade, Antoninho ou
Carmelita, prégador, nem mes-
mo o sacristão.

As solenidades da semana
santa eram celebradas pobremen-
te a canto-chão, sem orgão, que
o não havia, e só há desde o tem-
po do prior João André Dias. Pa-
ra elas contribuíam todas as con-
frarias, mas principalmente a do
Santissimo e a fabrica da Igreja,
que dava, além de outras quotas,
os sermões de quinta e sexta-fei-
ra e os dos domingos da Quares-
ma, um á missa, outro de tarde.

Quando, por excepção, algum
pretendia effectuar uma festivi-
dade com mais decencia, tinha de
pedir emprestados em Aveiro to-
dos os paramentos, alfaias e mais
trastes e ornamentos necessarios,
porque na Igreja faltavam todos
esses objectos, exceptuando a
Custodia, traste de valór, que
como tal tem figurado em varias
exposições de arte ornamental e
artistica. Foi o unico objecto de
valór que escapou ao saque Ju-
nor, por industria de Manuel José
Malaquias, o Raposo, então prior
da Igreja, que a entaipou no pa-
vimento do côro.

As confrarias tinham alguns
rendimentos, especialmente as do
Santissimo e de Nossa Senhora
do Pranto, mas além das festas
e da missa, que cada uma man-
dava dizer semanalmente, nada
mais faziam a bem do culto ou
da caridade. O estado da Igreja
não era sómente de pobreza, mas
da mais repreensível inclemencia.
Era tal o desleixo, que umas vir-
tuosas mulheres (as mestras Re-
scoeiras) tomaram ao seu cuida-
do fazer toalhas para os altares,
guarnecidas de folhos ou rendas,
facultando-as para servirem nos
dias de festa e recebendo-as logo
para as lavar, gomar e guardar,
evitando assim que se estragas-
sem ou descaminhassem; e da
mesma forma forneciam outros
objectos, incluído o Santo Sudá-
rio, que servia nos sermões da
Semana Santa.

A Custodia estava em casa do
primeiro mordomo do Santissi-
mo, o qual, quando havia expo-
sição a trazia para a Igreja, co-
berta com toalha lavada e guar-
necida, pousada sobre o hombro
esquerdo, acompanhado dos tam-
bores e gaita de folhos ou piano
e dos amigos e restantes mordomo-
s, repicando os sinos ao aprox-
ximarem-se da Igreja; finda a fes-
ta, era conduzida da mesma for-
ma a casa do mordomo.

Marques Gomes

monia da ractificação do juramento de recrutas, festa que deve sêr muito concorrida dádo o carácter de grande e brilhante imponência que as festas militares revestem sempre.

Agradecemos a gentileza do convite.

Sociedade Recreio Artístico.—Promovida por esta próspera associação, deve realizar-se amanhã, 29, pelas desassete horas, uma corrida de natação e bateiras, para que haverá recinto reservado e que promete sêr muito concorrida.

O programa constará de: Corridas de bateiras mercantís; corridas de bateiras marinhoas.

Corrida infantil para filhos de sócios, menores de 15 anos—100 metros livres;

corridas para classificação do título de «Campeão da Sociedade Recreio Artístico»—200 metros livres, e

corrida para todos os sócios inscritos—600 metros livres.

Durante a corrida, a «Filarmonica Amizade» executará alguns números do seu repertório.

Nas salas da Sociedade, realisar-se-á, à noite, uma soirée devendo distribuir-se então os prémios aos classificados.

Edital de limpeza.—Dissemos no último número que se andava a limpar e caiar as pontes e cais da Ria, dando-lhe assim um belo aspecto. Há dias, porém, a ordem de limpeza tornou-se geral, fazendo a Câmara afixar editais que põem em execução uma antiga postura, pela qual os habitantes da cidade são obrigados a têr sempre limpas as frontarias dos seus prédios.

Muito bem.

Edital e postura—dois papéis e duas intenções. Quais? A do edital é simplesmente a de fazer uma recepção condigna aos vianenses, que em breve farão uma excursão a Aveiro, fascinando-os com um esmero que só por eles e só para eles se cria; a da postura, que se estatuiu independentemente de qualquér ideia de recepções, é o saneamento permanente.

Foi, pois, a próxima visita dos vianenses que lembrou à Câmara a necessidade de não deixar

caír no desuso essa antiga medida.

No entanto, muito bem, e que, ao menos a principiari agora, todas as posturas municipais sejam póstas em execução permanente.

Podia até a Câmara revê-las todas e codificá-las. E' uma lembrança, apenas, que, a nosso ver, só em bem virá a dar.

Visita de estudo.—Acompanhados pelo seu professor, sr. dr. Aguas de Oliveira, e pelo sr. José da Silva Ribeiro, Secretário da redacção do nosso prezado colega Voz da Justiça e Secretário da Escola Commercial do Figueira da Foz, estiveram em Aveiro no passado sábado, em excursão de estudo, os alunos do 3.º ano desta Escola, levando de Aveiro as mais gratas impressões, e tendo visitado as fábricas de cerâmica de Aveiro e Vista-Alegre.

Aprensão.—Constando que no Casino da Curia se jogava fortemente foi mandada ali uma força de 10 policias, sobre os ordens do chefe de esquadra, sr. Vidal, que na noite de terça-feira cercou o edificio, apreen-

dendo em seguida duas roletas que estavam funcionando e quatro mil escudos que se encontravam nas mesas. As roletas apreendidas já deram entrada no Comissariado.

Noticias religiosas.—Tem lugar amanhã, na igreja paroquial da Vera-Cruz, a festividade do Coração de Jesus, que conforme o antigo costume, reveste a máxima solenidade, havendo comunhão geral, missa solene e sermão de manhã e de tarde, sendo orador o revd.º sr. Emilio Ribeiro, que préga em Aveiro pela primeira vêz, mas que no Porto, onde é capelão do Carmo, e resto de todo o norte, é muito conhecido e estimado pelas suas virtudes e dotes oratórios. A orquestra é a do grupo Santa Cecilia composto de senhoras da nossa primeira sociedade, que tão justamente tem sido apreciada.

Farmácia de serviço.—Conforme o estatuído, está de serviço permanente amanhã, a Farmácia Ala, a Praça do Comércio.

Lugares selectos

O CRIME

A propósito do assassinato do alferes Brito da Musa em Férias de Guerra Junqueiro

Que nos cumpre fazer?

Depressal mandem por Dragonas de comando ao general Terror Salve-se a independencia! erga-se a disciplina! Ordem, corre a pedir auxilio á guilhotina! Abracem-se um ao outro, a patria assim o quer, O jumento Proudhome e o tigre Lacenaire. Nada de compaixão! o risco é grande, é enorme. Medo, vae despertar o executor que dorme. Violencia, vae chamar o teu irmão Assombro. O coveiro que ponha a sua enxada ao hombro, E o padre que appareça e traga o seu missal. Agora ide agarrar ao antro esse animal; Acorrentae-lhe as mãos, que fique bem seguro. Amordaçae-o bem, colae-o contra um muro... Vem rompendo a manhã... Vamos! formar em allas! Prompto; descarregar!

Trinta ou quarenta ballas Vararam-no e cahiu por terra em convulsões...

Subiram de repente as nossas inscripções, A honra ficou branca, a ordem ficou pura, A industria prosperou, floriu a agricultura, Estreitou-se a união da crôa e dos vassallos, O ditoso burguez foi aparar os callos, E abençoada seja a execução da lei!

Não exploro a piedade; a victima, bem sei, Era um bravo rapaz na flôr da juventude, E é doloroso ver dentro d'um ataúde Um corpo juvenil, ensanguentado e frio. E o criminoso? olhae: mudo, feroz, sombrio... Causam menos horror os olhos d'um chacal: O tigre é o seu irmão; o abutre é o seu igual. Aquella alma hedionda é um negro labirinto: No fundo d'e sa noite ha a caverna instincto, E lá dentro as paixões, os odios, as vinganças. Hoje riem-se d'elle as timidas creanças. Esse monstro cruel dorme n'uma enxovia; E a lei, deit' da a um c nito, inexoravel, fria, Como um velho mastim silencioso, espera. A violencia reclama a execução da féra. Qual o nosso dever? guilhotinal-o?

Liga-se á ideia crime a ideia expiação. Expição é o remorso. A consciencia tem Castigo para o mal e premio para o bem. Dentro d'ella reside o jury universal. Um facinora evita o codigo penal, Evitam se as galés, evita-se a prisão, Mas não pôde evitar-se este imm rital clarão Da nossa consciencia, alampada sagrada.

Pegae n'um criminoso, um salteador de estrada; Assassinou, matou; é um bandoleiro infrene; Comtudo, não há prova alguma que o condemne; Quem é que o viu roubar, apunhalar? ninguém. Não ha uma suspeita unica. Pois bem: Ficará livre? não: A consciencia diz A este homem:

—Eu sou ao mesmo tempo o juiz E a prova; eu sou a lei e sou a accusação. O suborno, acredita, é impossivel; então Escusas de mentir e escusas de negar. Procuraste, é verdade, um optimo logar Á beira d'um caminho; a noite era sombria; Testemunhas, nenhuma; o vendaval gemia Com soluços brutaes nas rochas, no arvoredó... E tu disseste: «bem; ha de guardar segredo A treva...» Neste instante a victima passára; Ergueste-te do chão, pozeste a arma á cara E desfechaste: ouviu-se um grito e nada mais... A victima cahiu banhada em sangue; os ais Foram morrendo... Prompto! a estrada era deserta; Testemunha, ninguém; impunidade certa. Magnifico! pozeste a tua arma ao hombro E começaste a andar, Mas uma voz (assombro Horrivel!) uma voz de timbre diamantino Chegou-se ao pé de ti, e disse-te: «Assassino!» E tu ficaste a olhar, mudo, transido, absorto. Quem é que estava ali? quem te fallava? o morto. Impossivel... talvez uma illusão, mais nada... Coragem! caminhaste em direcção á estrada, Ao sitio onde cahiu por terra o viandante; E depois de o roubar fugiste; e nesse instante Linda outra vez, horror! n'aquella escuridão Ouviu-se a mesma voz e disse-te: «Ladrão!» E olhando em torno a ti surgiu-te de repente Alguem que te fitou inexoravelmente Com um olhar cruel, recto, sereno, agudo. Esse alguem era eu—a consciencia! Tado Aquillo que pensaste e aquillo que fizeste Sem testemunha, ali quasi n'um ermo agreste, Escondido na treva, occulto pelo matto, —Hor!, noite, logar, o roubo, o assassinato, Oh, tudo, tudo eu vi perfeitamente bem! Tinhas dentro de ti um espião: ninguém. Pôde evita-lo, crê. Ficaste mudo e quedo; Com a arma na mão, covarde, tinhas medo Do impalpavel. Então uma criança inerme Podia-te esmagar como se esmagar um verme. Podia-te bater, podia-te insultar Sem ristencia alguma: a luz do meu olhar Varava-te; era o sapo em frente da doninha. E eu pe que te no braço e disse-te «caminha!» E com este a andar involuntariamente. Não dizias palavra; ás vezes de repente Olhavas de soslaio e vias-me na treva, Não. Continuavas a andar assim como quem leva

Ou um lobo ou um crime atraz, a persegui-lo. Tu não podias ver o meu olhar tranquiilo. Desataste a fugir correndo allucinado Pelo monte; paraste, e viste-me a teu lado. Quizeste-me cansar: foste galgando muros, Penetraste a fremer nos antros mais escuros, Ensanguentaste as mãos, dilaceraste as pernas, E eu entrava contigo as bôpas das cavernas, Trepava como tu ás rochas mais esguias, Cortava os vendavaes, corria se corrias, E se paravas tu, parava eu. Emfim Não tinhas salvação possivel. Para mim Não existe fadiga e não existe sono; Eu ia como vae o cão atraz do dono E o corpo atraz do sombra, Aniquilado e tão Cahiste sobre a terra, e disseste: «Perdão

«Consciencia, minha amiga, a luz do teu olhar «Atormenta-me; vae-te e deixa-me ficar «Em paz. Serei um tigre, um monstro, uma panthera, «Mas deixa-me, eu odeio a tua face austera, «Que me incommoda muito. O que te cust.º parte! «Es bôa rapariga, e quero inda abraçar te «Talvez quando estiver para morrer; agora «O que te peço, filha, é que te vás embora «E que sejas feliz por muito tempo... Adeus! «Não me tornes a olhar! a luz dos olhos teus «Gella como o terror, corta como os punhaes! «Quando me deixas? falla! E eu respondi: —Jamais. «Ah não me deixas? bem; é o mesmo, viverei «Na tua companhia alegremente; eu sei «Que tu és virtuosa, incorruptivel, pura, «Mas a victima emfim creio que está segura, «Não receio, portanto, as grades da cadeia, «Sou muito novo ainda e tenho a bolsa cheia; «Vamos gosar! Consciencia, a vida é uma bata ha: «O homem que menos ganha é o que mais trabalha. «O direito pertence ao mais rico e ao mais forte. «Pouco vale afirmar que ainda depois da morte «Ha um mundo melhor e uma existencia nova; «É um sonho de creança, uma illusão sem proya. «Antes de adormecer deitados sob as loisas, «Façamos por gosar todas as grandes coisas «Da realidade. Eu era um cavador, a enxada «É triste; ergue-se a gente ao sêr da madrugada «Para ganhar o pão com o suor do rosto; «Andar ao vento, ao frio, á chuva, ao sol d'agosto, «E viver na indigencia, esfarrapado... Não; «É melhor ser bandido e é melhor ser ladrão. «Cahi-te, consciencia!... Eu quero de hoje em diante «Viver em bôa paz contigo; minha amante, «Sou rico, hei-de te dar tudo o que tu quizeres: «Teremos vinho bom, e casias e mulheres. «E mesa sempre farta e bolsa sempre quente: «Não há vida melhor, nem mais independente. «É a vida d'um rei. Comer sem trabalhar, «Deitarmo-nos ao sol de pança para o ar, «Na cosinha em janeiro a bôa carne e o fogo, «E depois a taberna e na taberna o fogo, «—O paraíso, em summa. E tu pelo teu lado «Empregarás decerto o maximo cuidado «Em nunca me tocar n'esta sombria historia, «Encheremos com treva os fossos da memoria, «Como um antro onde existe um crime silencioso»...

CHAPEUS

Para senhora

e creança

LINDOS MODELOS e copias. Cascos, sédas e guarnições.

Mizira Pinheiro Chaves

AVEIRO

Rua Colimbra n.º 9

PAVL PEREIRA & CA. LIMA

JOALHES JOALHEIROS



JOIAS, PRATAS,
FILIGRANAS -
RUA 31 DE JANEIRO, N.º 53
PORTO

Horário dos combóios da C. P.

Para o norte		Para o sul	
Saídas de Aveiro		Saídas de Aveiro	
Correio...	5,29	Correio...	8,11
Tramway..	6,50	Rápido (b).	9,31
Mixto....	7,25	Recov....	11,19
Tramway..	10,45	Sud-Exp...	14,54
Rápido...	13,00	Tramway..	16,30
Tramway..	17,10	Rápido....	18,37
Correio...	19,59	Mixto....	22,33
Rápido (a).	21,56	Correio...	23,32
(a) Efectua-se às 3. ^{as} , 5. ^{as} e sábados.			
(b) Efectua-se às 2. ^{as} , 4. ^{as} e 6. ^{as} feiras.			

Horário dos combóios do V. V.

Partidas de Aveiro		Chegadas a Aveiro	
Mixto....	9,35	Mixto....	6,59
Mixto.. (c)	13,45	Mixto....	12,16
Mixto....	19,00	Mixto....	16,53
Mixto.. (e)	20,05		

(c) Efectuam-se ás segundas quintas e domingos.

(e) Efectuam-se quando forem anunciados.

Dias findos

Humberto Bessa

Depois de uma melindrosa operação com que parecia ir enfim recuperar a saúde fortemente abalada, faleceu no Porto, na quinta-feira passada, contando apenas 46 anos, o sr. Godofredo Humberto Ferro de Madeira Bessa.

Alma de eleito, espírito de académico e trabalhador incansável, temperamento de artista, republicano desde a escola, o sr. Humberto Bessa, bom amigo, afável, de quem se guardava sempre uma recordação de agradável saude, era um amigo da sua terra, amava-a com entranhado amor, como bem o demonstra a sua vasta obra, dedicada ou

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas

1.ª Circunscrição Florestal

3.ª Regencia Florestal

ANÚNCIO

Faz-se publico que no dia 10 de Agosto de 1913, pelas 12 horas, na sede da 3.ª Regencia Florestal em Aveiro (Edifício do Governo Civil) se procederá a arrematação em hasta pública do fornecimento de 1.600 carradas de mato para as dunas da Gafanha e S. Jacinto e 700 duzias de taboas para ripado destinadas para as sementeiras das dunas da Gafanha, S. Jacinto e Ovar.

As condições para estas arrematações acham-se patentes no atrio do Governo Civil de Aveiro, onde poderão ser examinadas todos os dias úteis durante as horas em que funcionam as repartições ali instaladas.

Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, em 7 de Julho de 1923.

Pelo Director Geral,

Julio Mario Viana.

Nas nossas oficinas executam-se trabalhos tipográficos em todos os géneros: crivação de falões, cartões de visita, rótulos, facturas, prospectos, memoranduns, etiquetas, etc., etc., para o que temos pessoal habilitado e máquinas apropriadas, a preços sem competência.

Nas nossas oficinas executam-se desenhos para monogramas, brasões, etiquetas, alegorias, etc.

ao ensino ou ao elogio da pátria querida.

São estes, os seus trabalhos:

Castelos de Espanha e Castelos de Portugal; A tomada de Chaves; Justiça de Castela; Sonhos de Alma; A Bandeira Portuguesa; A Arvore; Azulejos; Excertos da Juventude; O Ensino Commercial em Portugal; Sob a Metralha; Ermezinde; Os Castelos da Beira; Os Castelos do Minho; O Guarda-Livros; Anuários da Escola Raúl Dória; Anuários da Escola Sec. Comércio; Noções de Comércio; Noções de aritmética prática; Prática de Escripuração Commercial; Correspondência Commercial; Método de francês; Noções de Comércio; Cálculo Commercial; Prática de Escripuração Commercial; Noções de Geografia Geral; Verbos franceses; Prática de Escripuração Commercial; Noções de Comércio; História de Portugal; Noções de Geografia Commercial; Prática de Escripuração Bancária.

Humberto Bessa era membro da Sociedade de Geografia, de Lisboa, do Instituto Etnológico da Beira, da Academia de Ciências de Portugal, da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto.

As nossas sentidas condolências à família enlutada.

VENDE-SE um terreno no Canal de S. Roque, paralelo á linha ferrea, proprio para qualquer construcção. Confronta com a Rua de S. Roque e com o Canal referido.

Quem pretendêr dirija-se a esta redacção.

VENDA DE VINHO

Vende-se vinho branco e tinto, de boa qualidade, purissimo, na Quinta de S. Thiago, pertencente á familia Valle Guimarães.

O branco vende-se a \$60 o litro, e a \$50 de 10 litros para cima.

O tinto a \$50 o litro, e a \$40 de 10 litros para cima.

Testa & Amadores

ARMAZENS DE MERCEARIA POR GROSSO
* FERRAGENS, CEREAIS E AZEITES *

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Depositários do OPORTO OIL COMPANY — Telegramas: TESTA
Rua Eça de Queiroz — AVEIRO

Banco Nacional Ultramarino

Emissor para as colónias portuguesas

Sociedade anónima de responsabilidade limitada, com sede em Lisboa

CAPITAL AUTORIZADO, 48 MILHÕES; REALISADO, 24 MILHÕES; FUNDO DE RESERVA, 24 MILHÕES

Filial em Aveiro—Rua João Mendonça—EDIFÍCIO PRÓPRIO

Aluguer de cofres fortes

N.º 1, 9\$00 semestrais ou 12\$00 anuais
N.º 2, 10\$00 > ou 15\$00 >
N.º 3, 15\$00 > ou 20\$00 >

Estes cofres garantem a maior segurança contra roubo e incêndio. Cada locatário recebe a ÚNICA chave especialmente fabricada para o seu compartimento, podendo à sua vontade estabelecer o segredo da fechadura.

O acesso aos cofres tem lugar todos os dias úteis, das 10 1/2 às 15 1/2 horas

Eduardo Trindade

Loja de bicicletas e acessórios. Oficina de reparações

Representante das motocicletas F. N., CLYNO e EXCELSIOR

RUA JOÃO MENDONÇA, 1, 1-A e 1-B
Aveiro

Armazem de sedas

LENÇOS, Gravatas, Damascos, Nobrezas, e outros tecidos de seda. Sedas para bordar e molas para vestidos. Preços de concortencia. Vendidas só por junto. Pedidos a AGOSTINHO DE OLIVEIRA ROCHA & IRMÃO—Rua do Bomjardim 306, 1.º—PORTO.

Estabelecimento de ferragens, vidraças e tintas
MERCEARIA

Grande depósito de cimentos nacionais e estrangeiros. Adubos, sulfato e enxofre.—Agente da Companhia de seguros "PROBIDADE."

Domingos Leite & C.ª, L.ª
Rua José Estevam, 5, 5-A e 5-B
AVEIRO

Livraria VIEIRA DA CUNHA

—Rua Direita n.º 70 AVEIRO—
Grande sortimento de papelaria—Artigos de escritório—Sacas para livros—Louzas—Artigos para desenho e pintura—Perfumarias—Sabonetes—Quinquilherias—Postais ilustrados, etc.

Alfaiataria e fazendas

João de Deus Marques & C.ª, Lt.
Gravataria Camisaria e Perfumaria
Rua João Mendonça—AVEIRO

SEDAS-SEDAS-SEDAS
SEDAS largas e estreitas para vestidos, blusas, guarnições e forros. SEDAS para sombrinhas e guarda-chuvas. SEDAS para cortinas de automóveis e trens. SEDAS em meadas para bordar. DAMASCOS DE SEDA para colchas, estojos, paramentos e ornamentações. NOB EZAS DE SEDA, tudo a preços módicos. Tem sempre uma grande variedade em existencia. CASA DAS SEDAS, rua de Santa Catarina, 137—PORTO.

Tomaz Vicente Ferreira —
Fatos para passeio e cerimonia. Gabões Alfaiatara e capas de agasalho
RUA DIREITA—AVEIRO

Imprensa de Louças e Azulejos, L.ª da AVEIRO-BOBUCAL

Fundada em 1919. Premiada em primeiro lugar na exposição realizada na Tapada d'Ajuda pela Associação central de agricultura, e com medalha de ouro de 1.ª classe na exposição organizada em Vizeu durante o Congresso-beirão, únicas a que concorrido.
Bannaux decorativos—Louça artística

SAPATARIA TEIXEIRA

Aveiro—Rua Direita—10
FAZ E CONCERTA calçado para homem, senhora e criança pelos últimos modelos e mínimos preços. Garante a excelente qualidade dos cabedais e mais material que emprega

Manuel Maria Moreira

Pazendas brancas e de lã, retrozeria e modas.
BOBUCAL E MIUDEZAS, BANOS, BRUS, BRETANHAS FINAS, ENXOVAIS PARA BATHS
Rua Coimbra, 11—(Antiga Rua da Coiteira)
AVEIRO

Salgueiro & Filhos, L.ª

Depósito de tabacos nacionais e estrangeiros
Delegados da Companhia "Sagres," seguradora
COMISSÕES, CONSIGNAÇÕES
Aveiro—Praça Luís Cípriano

Fabrica de Louça e Azulejos DA FONTE NOVA — Fundada em 1882 — AVEIRO

—DE— Manuel Pedro da Conceição
Premiada em varias exposições
Vasos, balaustres, louça de uso comum e de fantasia, azulejos em paneaux em todos os estilos, e de revestimento de paredes.

Mercearia Aveirense DE Francisco Porfirio da Silva
Café, Papelaria e Miudezas
Rua do Gravito
AVEIRO

Antonio José da Fonseca
Cereais e legumes
Estarreja—Pardelhas

VAGO
Seguros Terrestres e Marítimos
Domingos Leite & C.ª, L.ª
AVEIRO

Sobre de Comichão
O HERPETOLOGO CURA A ESTRELA
CURA MARAVILHOSA A ESTRELA
CURA MARAVILHOSA A ESTRELA
CURA MARAVILHOSA A ESTRELA

